

10
-

Homenagens



sem título

Ti-Mi
2011

Homenagens

Este espaço é dedicado a homenagear autoras e autores em suas presenças, tradições e legados. Preservar memórias e mantê-las vivas é uma forma de assegurar um campo de comunicabilidade ativa entre tempos e sujeitos, mantendo visibilidade perene para autorias e obras que marcaram a produção literária: rememora-se para resistir ao apagamento sistêmico que atravessa nossa sociedade e para agradecer os ensinamentos partilhados.

No primeiro número, a Revista Firminas homenageia:

- Ruth Guimarães, presente!
- Toni Morrison, presente!
- Elis Regina Feitosa do Vale, presente!
- Nascimento Morais Filho, presente!
- Tula Pilar, presente!

RUTH GUIMARÃES

Nótulas Folclóricas

Mãe Dágua é um mito hidrolático dos iorubanos. Freqüenta as águas profundas do mar, entretanto é encontrável também nas margens amáveis dos rios. Responde por vários nomes: Janaína, Princesa de aiocá, Princesa de Aroca, Oloxum, Sereia Mucunã, Insê, Marbô, é Dandalunda entre os bantos, Mãe Dandá dos candomblés baianos, e, como Anamburucu, é maligna, à maneira das deusas primitivas. É chamada ainda Quianda, em Angola, em Luanda.

Foi estudada por Nina Rodrigues, *As religiões no Rio*; J. Silva Campos, em *O Folklore no Brasil*, edição comentada por Basílio Magalhães, relata um desses contos de marido da mãe dágua. Jorge Amado, em *Mar Morto*, conta da Iemanjá dos Cinco Nomes. Luís da Câmara Cascudo alude a um conto em que a tônica é dada pela recomendação do ente sobrenatural, no caso a Mãe Dágua: “Nunca arrenegue de mim, nem dos entes que vivem no mar.”

O conto nagô Iya Omin Okum, repete a advertência: “Não arrenegue de gente de debaixo dágua...”

Em outro conto, a cantiga da Mãe Dágua, quando abandona o esposo malcriado, que tinha acabado de arrenegar da gente das águas, começa assim:

Minha gente

é de xambariri

Cai, cai, cai,

no mundé.

Os indígenas têm um mito aquático, lara, espécie de sereia, que atrai os enamorados para o fundo das águas e eles nunca mais são vistos. Parece-me esta a diferença essencial, entre o afro e o ameríndio. Neste a náiaide, lara, sereia do mar, ou lá o que seja, não abandona o seu elemento, salso ou doce. É para lá que leva o apaixonado. E vai-se com isto, deste modo, a oportunidade de o rapaz ofender a bela. Já no conto afro, a deusa desce até o mortal, oferecendo-lhe riqueza, fartura, felicidade, participa um pouco da função daqueles gênios das Mil e Uma Noites, até que, muito humanamente, o homem cansa, não das mordomias, mas do amor, porta-se grosseiramente com a deusa, ela se vai, uma vez que o conto é punitivo, com ela vai a riqueza. Lá fica o pescador, o ribeirinho, na sua palhoça, e o conto dá em nada.

Blaise Cendrars, *Anthologie Nègre*, Ed. La Sirène, Paris, 1927, conta uma história dos Bassutos da África Meridional, aparentada com a nossa: Séételané encontra um ovo de avestruz. Quebra-o e dali sai uma linda

moça, que ela leva para a sua cubata e a desposa. A moça, para consentir no casamento, impõe apenas uma condição: “Nunca me chame de filha-do-ovo-de-avestruz.”

- Imagine! Gente! Eu te chamar disso aí? Nunca! Mas foi o que fez numa querela entre o casal, seguida da partida da esposa, com tudo que tinha trazido magicamente de riquezas.

Consta que em Madagascar existe uma família descendente da Mãe d'água. O cavaleiro Huldebrand von Rinstelten casou-se com uma Ondine de Kuhleborn, rei do rio.

O conhecido poema de Henrique Heine conta da sereia Lorelei, que habitava altos penhascos à margem direita do Reno. Ali penteava com pente de ouro os cabelos dourados e atraía os navegantes para o naufrágio. Esta lenda nos leva aos mitos gregos e por aqui ponto final.

O Mt C 31, de Aarne-Thompson classifica como Tabu: Offending supernatural wife, o que nos conduz a uma conclusão: a África, tão isolada e misteriosa, vê-se que está perfeitamente integrada no folclore universal.

Ruth Guimarães